



CATÓLICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

EXPERIÊNCIAS DE CONFLITO E ESTIGMA EM JOVENS EM RISCO E JOVENS ATIVISTAS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Maria João Azeredo Vilar

Porto, julho de 2018



CATÓLICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

EXPERIÊNCIAS DE CONFLITO E ESTIGMA EM JOVENS EM RISCO E JOVENS ATIVISTAS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Maria João Azeredo Vilar

Trabalho efetuado sob a orientação de

Doutora Raquel Matos e Doutora Alexandra Carneiro

Porto, julho de 2018

Agradecimentos

Em primeiro lugar às minhas duas orientadoras Doutora Raquel Matos e Doutora Alexandra Carneiro por toda a ajuda, paciência e disponibilidade ao longo desta especial etapa da minha vida.

Em segundo, mas não menos importante, à minha família, especialmente aos meus pais, irmão e avó por sempre acreditarem em mim, não desistirem de mim e darem-me força todos os dias para continuar a lutar pelos meus sonhos por mais loucos que eles por vezes pareçam.

Aos meus amigos, por todo o apoio, os cafés e os crepes que me levaram a comer sempre que eu estava mais distante e desmotivada. Obrigada por viverem este momento comigo e o tornarem especial e mais “fácil”.

Aos meus colegas de luta, mais especificamente à Raquel Pereira, Mafalda Alves, Mariana Cardoso, Carla Campos, Maria Miguel e Tiago Vasconcelos por todas as horas, dias e noites passados na faculdade à volta das teses e dos maravilhosos jantares e almoços improvisados.

À Mariana Tavares que, como sempre, me ajudou em tudo o que pôde tanto a nível académico como a nível pessoal.

Às minhas amigas da dança, que apesar da minha ausência nas duas últimas semanas, me deram força e motivação para continuar a trabalhar e a dizer as palavras certas nas alturas certas.

Ao meu namorado pelo apoio diário e por acreditar sempre em mim.

Seria injusto se acabasse esta página sem mencionar a importância que cada professor da FEP-UCP representa para mim, ao longo do meu percurso académico cada um deixou um pedacinho de si comigo, aprendi com todos tanto a nível académico como a nível pessoal.

Índice

1. Introdução.....	1
2. Enquadramento teórico	2
3. Método	6
a. Objetivos	6
b. Participantes	6
c. Instrumentos	7
d. Procedimentos	8
i. Recolha de dados	8
ii. Tratamento e análise de dados	9
4. Apresentação dos resultados	9
5. Discussão dos resultados	19
6. Conclusões.....	21
7. Referências bibliográficas.....	23

Lista de anexos

Anexo I – Guião da entrevista *Risco*

Anexo II – Guião da entrevista *Género*

Anexo III – Tabela de caracterização dos participantes do grupo *Risco*

Anexo IV – Tabela de caracterização de participantes do grupo *Género*

Anexo V – Descrição Sistema de categorias do grupo *Risco*

Anexo VI – Descrição Sistema de categorias grupo *Género*

Resumo

Os jovens deparam-se com múltiplos conflitos, alguns esperados nesta etapa desenvolvimental, e outros menos esperados, decorrentes de trajetórias de vida específicas ou até das decisões dos jovens (e.g., abandonar a escola, ser ativista). A literatura tem indicado que os jovens em conflito tendem a ser mais vulneráveis ao estigma por parte da sociedade, o que por sua vez acarreta mais desafios durante este período desenvolvimental. Assim, este estudo tem como objetivos explorar os conflitos e a estigmatização vivenciados por jovens com percurso de risco psicossocial e comportamento desviante (grupo *Risco*), e por jovens ativistas em questões de género (grupo *Género*), bem como compreender se existem momentos de viragem (positivos ou negativos) na vida dos jovens destes dois grupos.

Esta investigação contou com a participação de um total de 46 jovens, 26 pertencentes ao grupo *Risco*, e 20 ao grupo *Género*. A metodologia deste estudo é qualitativa tendo sido realizada uma análise semi-indutiva para a análise dos dados.

Os resultados obtidos permitiram identificar diversos contextos de conflito comuns aos dois grupos (e.g., contexto familiar, contexto escolar, grupo de pares), assim como perceber que os jovens dos dois grupos são alvo de estigmatização por parte da sociedade, ainda que por diferentes motivos, como por ter abandonado a escola ou por ser ativista de género. De forma global, foi, ainda possível compreender que parece existir uma ligação entre a vivência de estigma e a participação social dos jovens, e que existem acontecimentos de vida, com particular impacto, positivo ou negativo, na trajetória de vida destes jovens.

Palavras-chave: Conflito; Estigma; Participação social; Ativismo; Abandono Escolar

Abstract

Young people face numerous conflicts, some expected but others less predictable due to their choices (for example, leaving school or being an activist). Studies have shown that teenagers with problems tend to be more vulnerable to the society's stigma, which makes their development stage harder. In light of this problematic, this study aims to explore the conflicts and stigmatization lived by young people with psychosocial risks and deviant behaviour (Group Risk), and by young activists in gender issues (Group Gender), as well as understanding if there are key moments (positive or negative) in these two groups.

46 youngsters participated in this investigation, 26 from group *Risk* and 20 from group *Gender*. This study's methodology is qualitative, with a semi-inductive analysis of the data.

The results allowed the identification of several common conflict contexts in the two groups (for example, family, school, peer groups) as well as the understanding of how both groups are targeted by the society's stigmatization, by different reasons, for leaving school or for being a gender activist. In general, it was still possible to comprehend that there seems to be a connection between stigma and social participation of young people, and that there are key-moments with particular impact, positive or negative, in their lives.

Keywords: Conflict; Stigma; Social participation; Activism; School dropout.

1. Introdução

O presente estudo está integrado no projeto PROMISE- PROMoting youth Involvement and Social Engagement: opportunities and challenges of “conflicted” young people across Europe, que tem como foco as dificuldades sentidas atualmente pelos jovens e de que forma é que essas dificuldades condicionam a participação destes jovens na sociedade. O projeto tem como principal objetivo compreender o papel dos jovens na construção da sociedade, investigando as suas respostas aos desafios e conflitos que enfrentam, bem como procurar modos de transformar estas respostas em realizações sociais positivas.

Este estudo, pelo seu enquadramento no projeto PROMISE, irá incluir dois grupos de jovens, com idades compreendidas entre os 17 e os 32 anos de idade, que são considerados como estando em conflito com a sociedade. No grupo Risco são incluídos jovens com percurso de risco psicossocial e comportamento desviante, encontrando-se mais especificamente em situação de abandono escolar ou a cumprir medidas tutelares educativas na comunidade. No grupo Género são incluídos jovens em conflito com a desigualdade de género na sociedade atual.

Tendo em conta o tema de estudo e os jovens participantes, será apresentada uma breve contextualização relativa aos conflitos enfrentados pelos jovens a nível social assim como às experiências de estigmatização que tenham sentido por parte da sociedade.

Os dois grupos selecionados estão, de certa forma, em conflito com a sociedade (no sentido de não concordarem com as normas da sociedade ou de não irem ao encontro do que a sociedade espera deles) ainda que, de forma diferente, havendo por esse motivo uma maior probabilidade de serem alvos de estigma e estereótipos. Deste modo, os objetivos deste estudo são explorar os conflitos e a estigmatização experienciados pelos jovens do grupo Risco e do grupo Género e compreender se existem momentos de viragem (positivos ou negativos) nas suas trajetórias de vida.

Moriarty (1974) considera o estigma um assunto importante tendo por esse motivo já feito um estudo em que o foco principal era o papel do estigma na experiência de desvio.

Assim, este estudo torna-se pertinente por incluir jovens ativistas em prol da igualdade de género. O facto de estes objetivos terem ainda em conta a visão da sociedade, faz com que seja possível uma melhor compreensão das representações sociais uma vez que é no universo sociocultural que estas estão e são produzidas as representações sociais segundo os autores Naiff e Naiff num estudo desenvolvido em 2009. Outro motivo que leva a que este estudo seja pertinente é a particularidade deste ter por base a voz dos jovens, sendo assim possível perceber

qual a opinião destes e qual o impacto que a opinião da sociedade tem na vida destes. Finalmente, a relevância deste estudo prende-se com o olhar sobre conflito e estigma em dois grupos de jovens que apresentam formas de participação social diferentes.

2. Enquadramento teórico

Ainda que o conflito possa representar uma dimensão construtiva nas trajetórias de vida, continua a ter associada uma conotação negativa (Morgado & Oliveira, 2009).

O ingresso na juventude requer a saída do espaço protegido da família, o questionamento de valores, a inserção em novos grupos de pares (Gonçalves et al., 2008) e pode ser problematizada no que diz respeito a aspetos variados como a inserção profissional, a emancipação adulta, o consumo de substâncias e a crise dos valores tradicionais (Agostinho, 2006/2007).

Assim, os comportamentos de risco dos adolescentes podem surgir como resultado de várias situações, como por exemplo um conjunto de fatores psicossociais; estratégias inadequadas para enfrentar as situações (Allen & Sheeber, 2009); tentativas de lidar com o sentimento de angústia, que poderá ser funcional de um ponto de vista desenvolvimental, como por exemplo na interação num grupo de pares ou até mesmo a demonstração de oposição às normas parentais e convencionais (Arnett, 2004). A exploração de identidade ou um desejo de obter várias experiências poderá também fazer parte da exploração desta fase (Arnett, 2004).

Para a construção da identidade nesta etapa há conflitos que são esperados, existindo situações em que os jovens manifestam não se conformar com as normas socialmente estabelecidas. De acordo com Carrano (2007) a questão de identidade pessoal deve ser concebida como um processo de interação e de conflito, uma vez que para eleger uma identidade, os indivíduos tendem a colocar-se em conflito com os outros, na expectativa de serem contestados. Carrano (2007) defende ainda que é importante que os educadores tenham conhecimento destas questões, pois os conflitos mal resolvidos existentes entre os jovens, entre si e entre eles e as instituições são provocados pelas dificuldades de interpretação de sinais que não são decifrados adequadamente pelos sujeitos envolvidos.

Como foi referido anteriormente, há conflitos que são esperados quando os indivíduos ingressam na juventude, uma etapa crucial de formação identitária. No entanto, existem desafios que alguns jovens enfrentam que não são devido à fase desenvolvimental em que se encontram, mas sim a outros fatores, externos. Num estudo desenvolvido por Gibbons e Poelker (2017), nos Estados Unidos da América e em países da América Latina, concluiu-se que a

pobreza, a exposição à violência e a falta de acesso à educação de qualidade foram referidos como desafios enfrentados pelos jovens, e que ameaçam a oportunidade do seu desenvolvimento saudável. Os mesmos autores referiram ainda que muitos desses desafios parecem estar vinculados não só à pobreza, como à falta de recursos, às elevadas taxas de delinquência juvenil, gravidez na adolescência, inclusão em gangues, a violência física e sexual.

De acordo com Mathur e Helmata (2017), entre os conflitos mais presentes nos jovens atualmente, destacam-se problemas familiares (e.g., indiferença parental), problemas escolares (e.g., medo de atividades escolares, rejeição ou indiferença por parte dos professores), problemas sociais (e.g., isolamento social) e problemas pessoais (e.g., problemas de saúde, frustrações, sentimentos de fracasso e sentimentos de inferioridade) (Mathur & Hemlata, 2017). A literatura (Assis, Pesce, Avanci, & Njaine, 2005; Gonçalves et al., 2008) acrescenta ainda a problemática do consumo de estupefacientes e a violência como conflitos enfrentados pelos jovens.

Segundo Casaca (2009), quando confrontados sobre quais as suas motivações para a prática de crimes, os jovens dão exemplos como a pobreza, a as desigualdades sociais, o desemprego, havendo ainda jovens que culpam os pais ou a família por ser considerada violenta.

Um dos conflitos que os jovens enfrentam e que tem uma expressão significativa no contexto português diz respeito ao insucesso e abandono escolar. Segundo as estatísticas correspondentes a 2016, é ainda significativo o número de jovens que se encontra em situação de abandono escolar precoce (14%) (Eurostat, 2017). Apesar de ter sido notória uma diminuição acentuada de jovens em abandono escolar, a percentagem referida é ainda significativa e preocupante (FFMS, 2016) e as escolas continuam a testemunhar uma grande percentagem de alunos que não se encontram a frequentar o ensino e que poderão estar em situações para que futuramente abandonem o ensino (Hartwing, 2017). De acordo com Simões, Fonseca, Formosinho, Dias e Lopes (2008) esta problemática não tem merecido a atenção que os números oficiais das estatísticas parecem exigir.

Diversos jovens abandonam o ensino, por motivos internos e externos à instituição escolar (Estevão & Álvares, 2013) tais como efeitos familiares (e.g., educação parental e nível socioeconómico do agregado familiar); motivos escolares (e.g., qualidade do ensino e recursos); relação com os pares (e.g., papel dos amigos, cultura e comportamento dos pares); motivos relacionados individuais relativos ao aluno (e.g., desempenho académico, frequência escolar, dificuldades de aprendizagem, baixo rendimento académico (Hammond et al., 2007; Traag & Van der Velden, 2011), efeitos da comunidade envolvente (e.g., características sociais e económicas das comunidades envolventes da escola) e efeitos dos pais e das políticas públicas

(e.g., organização do sistema escolar) (Lamb & Markussen 2011). Os acontecimentos de vida como o divórcio dos pais, a morte de familiares, poderão também estar associados ao abandono escolar, assim como o género, uma vez que os autores concluíram que existia uma maior taxa de abandono escolar por parte do género masculino comparativamente com o género feminino (Simões et al., 2008). O nível socioeconómico é igualmente um fator importante neste conflito uma vez que poderá dificultar o sucesso devido ao acesso limitado aos recursos assim como a baixa escolaridade dos pais, a pouca importância que a família dá à educação; a falta de interesse por parte dos pais em ter contacto com a escola apresentam também um peso para o agravamento desta problemática (Hammond, Linton, Smink, & Drew, 2007; Traag & Van der Velden, 2011). De acordo Azevedo (2014) o abandono escolar precoce é um processo muito mais do que um resultado momentâneo e abrupto, um progressivo descumprimento por parte de cada criança ou jovem, que decorre de múltiplos fatores cumulativos.

A literatura tem indicado que o abandono escolar tem implicações negativas na vida dos jovens no que diz respeito ao seu funcionamento e bem-estar (Taborda- Simões, Fonseca, & Lopes, 2011), uma vez que estes jovens estão numa situação de maior desvantagem social, têm empregos com remunerações mais baixas e participam menos a nível institucional (Alves, Cantante, Baptista, & Carmo, 2011). Este conflito com a sociedade está relacionado com a exigência de especialização do mercado de trabalho, o que leva a que o abandono escolar seja visto pela sociedade como um ato desviante (Taborda- Simões et al., 2008). Esta desvantagem social poderá levar a uma estigmatização e a consequências ao nível da autoestima tal como a condições de vida maior vulnerabilidade e de maior precariedade (Dale, 2010). Os jovens que praticam atos vistos como desviantes poderão então ser mais propensos a sanções negativas, já que o estigma está vinculado conceptualmente ao desvio como violação das expectativas normativas, levando a que os jovens com comportamentos percecionados pelos outros como conflito tenham maior probabilidade de ser estigmatizados (Stiles & Kaplan, 1996).

Nesse sentido, também jovens ativistas são vistos como indivíduos que se afastam das normas e valores dominantes e, por isso, são estigmatizados. Isto significa que a participação social dos jovens nem sempre é avaliada de forma positiva. Mais especificamente, no caso dos jovens ativistas, essa avaliação pode depender do tipo de causa por que se debatem. Estes jovens, que demonstram a sua posição através de práticas quotidianas (dependendo do tipo de ativismo), de demonstrações massivas ou ainda de ações diretas (Myplace, 2015), são muitas vezes vistos como pouco ativos e não envolvidos em questões práticas e/ou comunitárias pertinentes (Cunningham & Rioux, 2015).

Os autores Cunningham e Rious (2015) referem que os jovens mostram interesse em fazer parte da mudança social, assim como em participar em atividades que envolvam o seu pensamento cognitivo e o planeamento do seu futuro. Nesse sentido, há cada vez mais jovens a mostrar o seu descontentamento com, por exemplo, questões ambientais, direitos dos animais ou desigualdade de género (Cunningham & Rious, 2015). Neste último caso, os jovens tendem a debater-se pela igualdade de género, exigindo que homens e mulheres tirem proveito das mesmas oportunidades, rendimentos, direitos e obrigações em todas as áreas (Jackson, Fleury, & Lewandoswski, 1996), devem beneficiar das mesmas condições no acesso à educação, nas oportunidades de trabalho, na carreira profissional, no acesso à saúde, ao poder e à influência (APF, 1967).

Na referência a ativistas em questões de género é importante mencionar que a igualdade de género é vista como uma questão de direitos humanos e uma condição de justiça social, sendo um requisito necessário e fundamental para a igualdade social, política e económica, o desenvolvimento e a paz (Jackson, Fleury, & Lewandowski, 1996). Apesar dos movimentos relativos aos direitos das mulheres terem existido ao longo do século passado, o feminismo é ainda mal compreendido (Percopio & Ramsey, 2016; da Silva, Seaparo, & Strey, 2013) sendo comum a associação de mulheres feministas a “dessexualizadas”, homossexuais ou inimigas dos homens, assim como é recorrente pensar que os dois últimos aspetos são sinónimos (da Silva, Seaparo, & Strey, 2013). É também comum as mulheres feministas serem associadas a mulheres “mal-amadas” ou incapazes de se relacionarem com os homens por motivos de incompetência, inimizade ou desvio (da Silva, Seaparo, & Strey, 2013). Prevaecem, ainda, ideias de que as mulheres querem vingança dos homens, ou querem fazê-los passar pelo mesmo que elas passaram, de que são vendidas pelo imperialismo, são corruptas, chatas, masculinizadas, feias, depravadas, promíscuas, radicais e amarguradas (da Silva, Seaparo & Strey, 2013) o que, segundo a literatura (Percopio & Ramsey, 2016) são estereótipos socialmente difundidos e que ao serem analisados revelam a sua função ideológica tendo como objetivos acabar com as lutas e as conquistas de igualdade de género (da Silva, Seaparo, & Strey, 2013).

No estudo que a seguir apresentamos, analisamos experiências de estigma e episódios de mudança em dois grupos de jovens que vivenciam conflitos e participam socialmente de formas distintas.

3. Método

a. Objetivos

Os objetivos deste estudo são: (1) explorar os conflitos e a estigmatização sentida pelos jovens do grupo de *Risco* e do grupo de *Género*, (2) compreender se existem momentos de viragem (positivos ou negativos) na vida destes jovens e qual o impacto que teve ou têm na sua vida.

Neste sentido, o presente estudo segue uma abordagem qualitativa, pois apresenta como principal foco os significados e as perspetivas dos participantes. Assim, os dados são obtidos em função da perceção dos participantes relativamente ao que é estudado, aproximando-se de uma abordagem fenomenológica que considera a experiência subjetiva como fonte de conhecimento, procurando perceber de que forma é que os participantes interpretam a experiência (Smith, 2011).

Este estudo é também de natureza etnográfica, pois tem como uma das principais características a presença prolongada do investigador nos contextos de estudo bem como o contacto direto com as pessoas, as situações e os acontecimentos (Ferreira, 2011). A etnografia como abordagem de investigação científica, traz algumas contribuições para os estudos que se interessem pelas desigualdades sociais e processos de exclusão (Mattos, 2011). Neste tipo de estudo existe uma participação ativa por parte do investigador nos contextos, nos processos e nas vidas quotidianas dos sujeitos-atores (Ferreira, 2011).

b. Participantes

Neste estudo, foram considerados dois grupos de jovens. O primeiro grupo - grupo *Risco* - é composto por 26 jovens (9 do sexo feminino e 17 do sexo masculino) com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos e com percurso de risco psicossocial e comportamento desviante em situação¹ de abandono escolar precoce e/ou jovens enquadrados na Lei Tutelar Educativa²

¹ As leis tutelares educativas têm como objetivo a educação do jovem para o direito e a sua inserção, de forma digna e responsável a vida em comunidade, não existindo intervenção quando não se verificam factos ou quando os indícios não são suficientes (Carvalho & Serrão, 2008). É ainda necessário que o jovem tenha a idade mínima de 12 anos para fazer coincidir com o início da puberdade com o limiar da maturidade requerida para a compreensão do sentido de intervenção educativa (Guerra, 2010).

O segundo grupo de jovens - grupo *Género* - é composto por 20 ativistas em questões de género, 15 do sexo feminino e 5 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 17 e os 32 anos.

c. Instrumentos

Os instrumentos utilizados para recolha de dados foram uma ficha sociodemográfica e uma entrevista semiestruturada para ambos os grupos. Foi assegurada a confidencialidade da informação fornecida em ambos os instrumentos.

Ficha Sociodemográfica

Na ficha sociodemográfica, foram recolhidas as informações do participante tais como, a idade, o género, a escolaridade, o estatuto profissional, o agregado familiar e o estado civil.

Entrevista semiestruturada

Foi utilizado um guião de entrevista semiestruturada (anexo I e II) que teve como objetivo a compreensão relativamente aos conflitos que os jovens identificam, quais os conflitos que identificam como fazendo parte da vida dos jovens e da sua, enquanto jovens, e que tipos de respostas dão a esses conflitos. Posteriormente, as entrevistas foram gravadas e transcritas.

A entrevista utilizada tem por base um guião de entrevista construída pela equipa coordenadora do projeto PROMISE. Em cada país, o guião foi adaptado a cada estudo de caso etnográfico.

Apesar de existir um guião de entrevista para cada grupo, existem temas que são comuns entre eles, tais como: as representações dos/das jovens sobre os grandes temas do projeto (juventude, conflito, participação social), a identificação e caracterização de áreas de conflito do/a entrevistado/a, com enfoque no abandono escolar precoce ou no ativismo de género, consoante o estudo de caso etnográfico, a exploração de respostas gerais relativamente à juventude, a situações de conflito, e o seu papel na sociedade (anexo I e II).

A entrevista é uma das técnicas mais comuns e importantes no estudo e compreensão do indivíduo (Aires, 2011). Este instrumento adota uma grande variedade de usos e uma grande multiplicidade de formas que vão do mais comum (entrevista individual falada) à entrevista de grupo ou mesmo às entrevistas realizadas por correio, telefone ou computador (Fontana & Frey, 1994).

d. Procedimentos

i. Recolha de dados

Antes da recolha de dados foi obtido um parecer positivo de uma Comissão de Ética da Universidade Católica Portuguesa, bem como da Comissão Nacional de Proteção de Dados.

As entrevistas foram realizadas face a face pelos investigadores e gravadas em áudio para mais tarde serem transcritas integralmente. Antes de cada entrevista foi obtido o consentimento informado de cada participante. No caso de estes serem menores foi também obtido consentimento informado dos pais ou representantes legais. Ao longo do processo de recolha e tratamento de dados, foi ainda garantida a confidencialidade dos dados e o anonimato dos jovens, existindo um nome fictício para cada jovem (anexo III e IV).

ii. Tratamento e análise de dados

O processo de análise dos dados foi baseado nos princípios da *Grounded Theory*, que é centrado na dimensão humana, nos significados que as pessoas atribuem aos diferentes aspetos subjetivos da sua vida (Layder 1993, cit. in Fernandes & Maia, 2001). A utilização deste processo permite a realização de uma análise rigorosa e sistematizada dos dados, assim como a autorização da criatividade e do contributo do investigador para a interpretação e análise dos dados (Fernandes & Maia, 2001).

Apesar de baseada nos princípios da *Grounded Theory*, a análise foi semi-indutiva pois considerou-se previamente uma estrutura de categorias, mas manteve-se em aberto a possibilidade de alterações e de surgirem novas categorias e códigos (anexo V e VI).

O primeiro processo foi a transcrição de entrevistas dos dois grupos. Após a transcrição, os dados foram codificados pela equipa de investigação, seguindo a árvore de categorias proposta pela equipa coordenadora, e que ia ao encontro das categorias esperadas de acordo com os tópicos desenvolvidos durante a realização da entrevista.

Posteriormente, foram selecionadas e descritas as categorias consideradas pertinentes para o presente estudo de forma a responder aos objetivos do mesmo.

Todo o processo de análise teve como suporte a utilização do *software* de análise qualitativa N-VIVO11®, que é caracterizado por permitir a exploração mais aprofundada do conteúdo, assim como com maior rigor científico e uma sistematização clara e organizada dos dados (Mozzato, Grzybovski, & Teixeira, 2016).

4. Apresentação dos resultados

Os resultados serão apresentados em duas secções, correspondentes aos objetivos do estudo. Em cada secção descrevem-se as categorias mais relevantes, primeiro para o grupo *Risco*, e depois para o grupo *Género*. Para que seja feita uma leitura mais clara, as categorias mãe (neste caso as de 2ª ordem) serão apresentadas a **negrito** e as categorias de 1ª ordem a sublinhado.

I - Explorar as experiências de conflito e estigma

De forma a responder ao objetivo “explorar a experiência de estigmatização sentida pelos jovens do grupo *Risco* e do grupo *Género*”, foram analisadas duas categorias de 2ª ordem: **contextos de conflitos e estigmatização**.

No grupo *Risco* e no que diz respeito aos **contextos de conflito** (26 fontes/364 referências), o mais mencionado pelos participantes foi o contexto escolar (20 fontes/70 referências) (*Eu tive problemas na escola desde o quarto, desde o terceiro de escola*. Nelson, 18, SCEP³). Alguns exemplos de conflitos neste contexto mencionados pelos jovens passam por problemas a nível comportamental (... *eu ali na minha escola antiga batia o record de faltas disciplinares a serio não havia ... não havia uma aula que eu não fosse po po gabinete do aluno com falta disciplinar, porque eu só fazia asneiras*. Andreia, 18, SCEP), faltas de presença e consumos (*Num ia às aulas, eu só entrava na escola, saltava o portão e ia fumar drogas essas coisas*. Hélder, 16, YJT⁴), e situações de bullying (... *tinha bastante dificuldade em me manter concentrado, em ignorar o que os outros diziam de mim, em não pensar o que é que me ia acontecer se viesse cá fora no intervalo*. Lourenço, 24, SCEP).

O grupo de pares/amigos (20 fontes/36 referências), foi também referido pelos participantes como um contexto de conflito, no sentido em que é neste contexto que poderão ser tomadas decisões erradas devido às companhias com quem costumam passar o seu tempo (*Se não estivermos com os amigos certos, vamos-mos meter em coisas que são escusadas*. Francisco, 17, YJT) e, caso não sigam o que os amigos fazem, poderão ter consequências negativas (... *e também porque são influenciados porque se tiver um grupo imagine nós tamos aqui muitas pessoas, vocês tão todos a fazer uma coisa, se eu não fizer vou ser gozado*. Andreia, 18, SCEP). O impacto dos conflitos entre colegas, namorados/as e pais é também mencionado

³ Second Chance Education Project

⁴ Youth Justice Teams

como fator de conflito (*Sei lá, problemas com amigos, com namorados, com os pais...coisas assim. Luísa, 15, YJT*). Em relação à influência do grupo de pares no comportamento desviante foram identificados exemplos contrastantes. Por exemplo, enquanto um jovem refere que quando não fazia as coisas de forma igual aos outros, era “gozado”, outra jovem refere que apesar do grupo de pares a influenciar, ela fez tudo por sua iniciativa e ninguém a obrigou a nada (*Mas... comparado a muitos jovens, sim, cresci um bocadinho rápido, também devido a companhias, mas basicamente, eu fiz aquilo porque queria, não foi incentivo de ninguém. Júlia, 18, SCEP*).

Os participantes (13 fontes/ 53 referências) identificaram a família e o contexto familiar como contextos de conflitos (... *não sei, acho que piores problemas que se pode ter é problemas em casa, eu acho. Luísa, 15, YJT*). De acordo com os participantes, alguns dos conflitos existentes nas famílias derivaram dos maus comportamentos dos jovens (*A minha mãe estava-me sempre a chatear, por eu fazer as asneiras, mas eu não queria ouvir. Francisco 17, YJT*). A falta de apoio por parte da mãe é também referida por uma jovem (*Pra minha mãe tudo que eu faço é mau percebe? Andreia, 18, SCEP*), assim como exemplos como a separação ou afastamento de familiares (*A questão, a questão de estar separada do meu irmão sempre me custou muito. Helena, 18, YJT*) e problemas com um dos progenitores (*Não. Com ele tenho muitas vezes, agora não tantos porque raramente falo com ele, mas tinha muitos. E quando falamos é sempre discutir ou acabo por dizer coisas que depois ele não gosta, por isso... Telma, 19, SCEP*).

Os sistemas de proteção e justiça (15 fontes/53 referências) foram também mencionados pelos participantes como contextos de conflito, pois estes consideram que há falta de compreensão por parte dos juízes quando estão a trabalhar no processo dos jovens (*Acho que não compreendem. Eu no meu caso a minha juíza não tinha filhos, e acho que não pensou como se fosse os filhos dela. Francisco, 17, YJT*). Esses conflitos acabam muitas vezes por levar a fugas das instituições (... *mal fez os 3 anos e 3 meses eu fugi logo da instituição.- Hugo, 19,SCEP*). Apesar de alguns jovens referirem que os sistemas de proteção são contextos de conflitos e injustos (*Somos pessoas como às outras. Fizemos as asneiras, mas não podemos ser tratados assim. Francisco, 17, YJT*), há jovens que referem que muitas vezes a culpa é dos comportamentos que os jovens assumem (*É sim, está a perceber. Também é por culpa dos jovens, não é por parte da polícia, que a polícia, muitas vezes, só faz é o trabalho deles, mas pronto. Sílvia, 16, YJT*).

Os participantes consideram que as relações íntimas (7 fontes/18 referências) podem também ser contextos de conflito, nomeadamente em experiências de relações amorosas menos

positivas (*Tive um relacionamento que também correu muito mal, trouxe-me vários problemas...* Xavier, 16, YJT), situações de violência no namoro (*como é que eu hei de lhe explicar ele dava-me porrada mesmo a frente de toda a gente também não é fácil não é?* Andreia, 18, SCEP) e conflitos nas amizades (*Mas se fossem, se fossem mesmo amigas de verdade a melhor amiga não tinha ciúmes da outra.* Helena, 16, YJT).

Foram ainda indicados os vizinhos/ a vizinhança (8 fontes/ 16 referências) como contextos de conflito devido à discriminação a que os jovens residentes em bairro são sujeitos (*vingam-se bastante nas pessoas de bairro eu num eu não acho isso bem... tipo nem todos têm culpa de morar num bairro.* Miguel, 20, SCEP).

Independentemente do contexto de conflito, os jovens referem a dimensão de género e as condições socioeconómicas como importantes para compreender os conflitos que enfrentam. No que diz respeito ao género (16 fontes/33 referências) as respostas dos jovens variam entre a ideia de que o género feminino está exposto a mais discriminação (*Uma mulher não, tem mais... em certos trabalhos não é aceite.* Telma, 19, SCEP) e fragilidade (*as mulheres podem ser violadas, as mulheres são maltratadas. Como há mulheres que fazem isso, mas é mais frequente as mulheres serem essas coisas do que os homens.* Nelson, 18, SCEP) e de que tanto os homens como as mulheres enfrentam problemas durante a vida (*eu acho que afetava da mesma maneira se eu sou rapaz, sim, acho que sim.* Luísa, 15, YJT). Apesar de existirem estas duas ideias contraditórias, houve ainda jovens que defenderam que os homens de forma geral tem mais tendência a ser vistos de forma negativa (*É mais difícil claro, porque são vistos negativamente, não pela positiva.* Rita, 20, SCEP). Já relativamente às condições socioeconómicas (5 fontes/7 referências) encontramos posicionamentos distintos: os conflitos são independentes do nível socioeconómico (*Sim e não é só das famílias pobres, das famílias que também têm posses também são porque só se metem nessa vida quem... Na realidade só se mete nessa vida quem quer.* Andreia, 18, SCEP), as pessoas com maior poder económico têm mais tendência para o conflito (*Mas quem tem dinheiro é quem faz as maiores asneiras.* Sérgio, 18, SCEP), e, por último, muitos jovens envolvem-se em conflitos devido às suas carências económicas e dificuldades (*Sim têm dificuldades e fazem tipo para por causa das dificuldades fazem coisas que não devem.* Miguel, 20, SCEP).

Quanto à **estigmatização** (24 fontes/141 referências), a forma de discriminação mais mencionada foi a discriminação devido a comportamentos (14 fontes/29 referências) considerados pouco adequados (*Há alguns jovens, é óbvio que eles fizeram as suas asneiras e são chamados assim* Xavier 16, YJT), a consumos (*Hoje em dia sei que eles reclamam sobre o*

*álcool, cada vez os jovens... são comas... entram em comas... essa coisa... álcool Álcool e etc. Edgar, 21, SCEP) e a processos (... eu quando sai, eles pedem, por exemplo, os relatórios, e prontos, no meu dizia tudo, que tive num colégio por isto, tive noutro por aquilo, e então... Júlia, 18, SCEP). Apesar de a discriminação devido ao comportamento ser a mais referida pelos participantes, sete deram conta de que não têm qualquer tipo de experiência de estigmatização devido ao seu comportamento (*Não, não olham de maneira diferente. Helena, 16, YJT*)*

Foi também indicado pelos participantes que hoje em dia os jovens são vistos como marginais e pessoas sem futuro (12 fontes/26 referências) (*Hoje em dia acho que vêm como, a maior parte de jovens, acho que vêm como delinquentes ou assim. Xavier, 16, YJT*), referindo que se sentem julgados como pessoas inapropriadas para a sociedade (*E também tirava aos jovens de hoje em dia, porque as pessoas julgam-nos como pessoas inapropriadas de sociedade e não é bem assim. Sérgio, 18, SCEP*), acabando por sentir que os mais velhos pensam que os jovens são incapazes de ter um futuro (*Sim, acho que muita gente não acredita em nós. Acha que nós não somos capazes. Andreia, 18, SCEP*). Segundo estes, a sociedade olha para os jovens como problemáticos, rebeldes e como conflituosos (*como rebeldes como pessoas que só querem armar conflitos. Andreia, 18, SCEP; Ó setor, olham para nós como, tipo, 'ei, eles vão fazer asneiras'. Nelson, 18, SCEP*). Essas ideias referidas pelos participantes são justificadas devido aos comportamentos e às atitudes que alguns jovens assumem, tais como... (*Os jovens hoje em dia só andam à volta de... conflitos... traficar droga... percebe? Tudo à volta de, hummm, rebeldia entende? Andreia, 18, SCEP; Ser jovem agora é complicado. Só dão problemas. Eu acho que na minha altura quando era mais jovem não era nada assim. Elsa, 20, SCEP*).

A discriminação por residir em habitação social/bairro (7 fontes/16 referências) foi igualmente apontada pelos jovens como forma de estigmatização (... *muita gente discrimina porque por sermos do bairro Manuel, 18, SCEP; As pessoas que vivem em bairros normalmente são sempre mal vistas pelas pessoas que vivem fora deles. Santiago, 24, SCEP*). Os jovens contam que as pessoas que residem em habitação social são vistas de forma negativa (*Não. "Oh, é do bairro, é novo, oh, olha para aquilo, fuma umas ganzas ou fuma um tabaco, bebe umas cervejas, já não vai a lado nenhum, é um drogadinho que anda para aí". Não tem assunto. Lourenço, 24, SCEP*)

Os jovens contam que por estarem em situação de absentismo escolar ou em situação de abandono escolar (6 fontes/9 referências) são discriminados por parte da família (*Sou um desgosto total para eles, pelo simples facto de ter desistido dos estudos. Lourenço, 24, SCEP*) e que a sociedade não aprova este tipo de opções por acreditar que desta forma os jovens não tem futuro (*Se calhar muita gente que me olhava com má cara por saber que eu já não fazia*

nada da vida porque não estava a trabalhar se calhar ia voltar ao mesmo, não ia sair da cepa torta. Marco, 24, SCEP)

Os participantes referem sentir discriminação por estar numa escola de segunda oportunidade (5 fontes/ 11 referências), pois acreditam que a sociedade pensa que esses cursos não têm qualquer credibilidade (*Acham que isto não tem futuro, o que não me leva a lado nenhum.* Lourenço, 24, SCEP) assim como devido à sua aparência física (4 fontes/ 16 referências). As tatuagens, os *piercings*, a forma física e o nível socioeconómico foram os exemplos mais mencionados pelos jovens relativamente à aparência (*Depende, há jovens que são discriminados, por exemplo têm tatuagens ou têm piercings.* Júlia, 18, SCEP; *Alguns grupos só, principalmente os mais gordos, os com menos possibilidades. Esses são todos julgados e colocados de parte.* Lourenço, 24, SCEP).

Por último, a auto-estigmatização foi ainda referida por três jovens (3 referências) (*Não sei, eu via-me muito...de uma maneira muito má, eu acho.* Luísa, 15, YJT).

Relativamente ao grupo *Género*, quanto aos **contextos de conflito** (14 fontes/71 referências), os discursos públicos sobre desigualdade de género (9 fontes/ 15 referências) foram mencionados pelos participantes como não fazendo sentido (... *acho que não faz sentido a desigualdade por si, por isso acho que não faz sentido, na minha opinião simplesmente não me preocuparmos com esse tema.* Elisabete, 19) dando alguns exemplos de situações que, segundo estes, reportam para a desigualdade de género (*Eu senti e sinto muitas vezes que não posso andar na rua como quero.* Francisca, 25).

O facto de o ativismo de género ser ainda percebido como um assunto delicado (*Porque é uma temática muito delicada ainda, por triste, tristemente ainda é muito delicada.* Agostinho, 27) e muitas pessoas considerarem que a igualdade de género já está adquirida (... *já me chegaram a dizer que esses assuntos não eram importantes porque as desigualdades eram no tempo das nossas avós e agora já não há desigualdades e as mulheres e os homens estão bem como estão.* Micaela, 20), faz com que o ativismo de género seja alvo de críticas (8 fontes/ 23 referências). Os jovens referem ainda que as críticas ao ativismo de género acontecem por vezes por parte da família (*A minha família principalmente. Ah porque você é muito radical, se mete onde não tem de meter, gosta de brigar.* Luciano, 29).

Para cinco participantes, a orientação sexual pode ser vista como conflito (5 fontes/12 referências). São referidos conflitos na família devido a reprovação relativamente à orientação sexual (*Na altura tinha uma prima que tinha uma relação homossexual. Que foi muito mal recebida pela família e também foi um aviso para mim, que se for tenho que ficar calado.* Lucas,

31). A nível de ensino, segundo uma jovem, este não se encontra preparado para acolher jovens com uma orientação sexual diferente (*Para ter um aluno homossexual ou transexual não estão de todo preparados nem conseguem lidar com isso a maioria das vezes.* Marília, 17).

Ainda que referido apenas por dois jovens, as organizações ativistas (2 fontes/10 referências) emergem também como contexto de conflito (*Noto muito isso nas marchas que ainda são um ponto delicado, mesmo dentro da comunidade LGBT, porque há várias pessoas LGBT que são contra as marchas.* Lucas, 31).

Em contrapartida, dois jovens referem sentir ausência de conflito por ser ativista de género (2 fontes/5 referências) (*Por acaso eu tenho um núcleo de amigos e de família assim muito, muito supporting.* Guilhermina, 23).

Relativamente à **estigmatização** (20 fontes/179 referências), a maior parte dos jovens (16 fontes/61 referências) refere sentir a experiência de estigmatização por ser ativista de género (*Já, já me trataram de maneira diferente. Já senti discriminação por isso, não é? Por dizer que sou feminista porque a certa altura o ser feminista em alguns círculos académicos consegue ser péssimo... mau... cruel... as pessoas não aceitam ... as pessoas veem como se fosse uma excentricidade.* Francisca, 25), pelo seu género (*... és mulher e queres praticar algum tipo de desporto ou qualquer coisa assim, ou até mesmo na escola toda a gente te olha assim um bocado estranho.* Francisca, 25) e pela sua orientação sexual (*Já, mas sim por ser [nacionalidade de país na América] ou por ser gay. Isso sim, já, não por ser homem.* Luciano, 29).

Apesar de a dimensão género ser naturalmente muito valorizada por este grupo de jovens, diversos participantes (11 fontes/26 referências) referem que a estigmatização se intensifica quando outras características estão presentes, remetendo para a noção de interseccionalidade (*... todos os jovens que se incluam em minorias, quer seja de orientação sexual, quer seja de identidade de género e de expressão de género, quer seja, por exemplo, raça, mesmo a níveis financeiros, todos esses jovens vão sofrer mais dificuldades e quer seja de preconceito, discriminação, quer seja arranjar emprego também, pelas mesmas razões.* Teresa, 22). Segundo uma jovem, o «homem branco» é quem se encontra exposto a menos preconceitos e as mulheres que, para além da condição feminina, acumulam outras características são as mais expostas a estigma (*Só das mulheres, é a mulher branca sim, hétero, não é? Depois se calhar vem a mulher branca lésbica, e eu diria a mulher trans, mas se calhar a mulher trans vem abaixo da mulher negra, e depois acho que é assim assim, acho que é assim a ordem.* Manuela, 31).

É também referido que os jovens são discriminados e vistos de forma negativa (9 fontes/ 20 referências) (*acho que apesar de tudo ainda há muito discriminação por parte, para com os jovens*. Elisabete, 19) e que os mais velhos e a sociedade não lhes dá a devida credibilidade (*Às vezes não nos levam a sério*. Florbela, 22). Este tipo de discriminação também acontece no seio familiar (*... mesmo nos almoços de família só quando eu realmente estou inserida e na verdade faço contribuições que considerem válidas é que me levam a sério, se não às vezes somos um bocado postos de parte*. Florbela, 22).

Tal como no grupo anterior, a auto-estigmatização (4 fontes/4 referências) foi também mencionada (*... quer dizer eu senti, durante muitos anos eu não era quem verdadeiramente queria porque eu tinha medo de represálias...* Renato, 29) quer a nível da procura de emprego (*... é que nós acabamos também por limitarmo-nos muito na nossa procura de emprego*. Guilhermina, 23), quer a nível pessoal (*... quando descobri que era gay foi algo muito chocante porque pensava que era o único gay em Portugal*. Lucas, 31).

É possível perceber que diversos jovens (10 fontes/17 referências) associam as experiências de estigmatização ao seu envolvimento no ativismo (*Bem, eu tive uma experiência pessoal que foi realmente determinante no sentido de não, de não deixar isto morrer*. Francisca, 25). Uma jovem refere a decisão de se tornar ativista como algo positivo que a ajudou a crescer como pessoa (*E perceber que eu, que nós podemos ter voz e que podemos ter voz e a força que a nossa voz pode ter. Então isso assim age como um comprimido de alto astral...* Francisca, 25). Acontecimentos como assédio foram também referidos como fatores que conduziram ao ativismo (*Eu senti que tinha que fazer, eu não sei explicar. Tava a sofrer, questão de assédio moral, assédio sexual, assédio, machismo, tava a sentir no meu dia-a-dia*. Manuela, 31).

Esta associação de experiências negativas a formas de participação que os jovens entendem ser positiva valida a importância de analisarmos momentos de mudança (ou “turning points”) descritos pelos jovens, como se apresenta a seguir.

II - Compreender se existem momentos de viragem positivos ou negativos

Para que fosse possível obter uma resposta para o objetivo “compreender se existem momentos de viragem positivos ou negativos na vida dos jovens do grupo de *Risco* e do grupo *Género*” foi analisada a categoria **Turning Points**.

No grupo *Risco*, os eventos familiares/contexto familiar (10 fontes/ 44 resultados) foram referidos maioritariamente como fatores de mudança negativa, no entanto também existem testemunhos de mudanças positivas. No que diz respeito às mudanças negativas, são referidos

acontecimentos de vida como o divórcio dos pais (*A altura que se calhar que mais me custou foi a separação dos meus pais.* Júlia, 18, SCEP), a morte de pessoas próximas (*O mais marcante foi a morte da minha madrasta.* Luísa, 15, YJT), o afastamento de familiares (*A questão, a questão de estar separada do meu irmão sempre me custou muito.* Helena, 18, YJT), os problemas de toxicodependência na família (*Eu fiquei com vontade, porque como já disse vi a minha mãe drogar-se à minha frente bastantes vezes e etc. e ela estava-se a cagar para mim e essas coisas. Foi por isso que eu levei essa vida toda de roubar e essas coisas porque eu se calhar não tinha...* Edgar, 21, SCEP) e as situações de adoção/ abandono (*Talvez se calhar [acerca da situação de 2º abandono por parte do pai]. Tornei-me um pouco revoltada, por isso andei em psicólogos e tudo.* Telma, 19, SCEP2).

Ainda que a morte de familiares tenha sido mencionada como um acontecimento que levou a uma mudança menos positiva, houve um jovem que referiu a morte de um irmão como um fator de mudança positivo na vida deste, pois... (*Principalmente foi quando houve um grande acontecimento na minha vida que foi quando o meu irmão faleceu, o mais velho. E isso sim, teve um grande impacto em mim. Para melhor. Na verdade, foi uma coisa má, que me fez ficar melhor. de certa forma comecei a dar mais valor à vida. Não é? Ele morreu com 29 anos por causa de um cancro.* Santiago, 24, SCEP). Outro acontecimento de vida positivo, referido por um jovem, foi a parentalidade (*foi eu saber que ia pai que me fez mudar a vida.* Francisco, 17, YJT).

O abandono escolar (10 fontes/19 referências) foi também referido como fator de mudança, quer positiva quer negativa. Em relação às mudanças negativas os participantes relatam o facto de poderem já encontrar-se mais avançados a nível académico (*Olhe, já podia ter o 12º feito se continuasse.* Hugo, 19, SCEP) e facto dessa opção os ter levado a assumir comportamentos menos adequados (*Negativo ãhh tipo por um lado ate foi negativo porque foi ai que comecei a fazer aquelas coisas que não devia.* Miguel, 20, SCEP). Por outro lado, o abandono escolar permitiu que os jovens integrassem no projeto, o que foi mencionado como positivo (*Teve um lado positivo que foi ter vindo para aqui.* Nelson, 18, SCEP).

A entrada no projeto (3 fontes/9 referências) foi mencionada por alguns participantes de forma positiva pois deu novas oportunidades a estes jovens (*eu sempre tive o sonho de ser ator e ser teatro e, e ir pa teatro e tudo mais, alguma coisa desse mundo e à pala do, à pala de entrar na escola consegui um curso.* Martim, 20, SCEP).

O fim das relações conjugais/ experiências negativas relativamente a relações conjugais (3 fontes/ 3 referências) foi igualmente mencionado como mudanças significativas (*Foi bom,*

quando ele depois saiu foi bom, porque depois abri-me porque eu entrei numa Elsa que eu não era. Elsa, 20, SCEP).

Os crimes (3 fontes/10 referências) foram abordados como fatores de mudanças (*Com 15, 14, 15 já tive que pegar numa arma e disparar, havia alguém a me assaltar a casa.* Edgar, 21, SCEP), sendo que um dos crimes referidos era relacionado com a droga (*Ela guardava droga, então os traficantes foram lá a minha casa.* Edgar, 21, SCEP).

A institucionalização (2 fontes/ 6 referências) foi, da mesma forma, mencionada como altura de mudança tanto negativa (*Acho que cresci um bocadinho de mais também devido pá a tudo, devido à vida, devido a erros.* Júlia, 18, SCEP) como positiva (*Não faço as coisas dia a dia, é uma cena que eu aprendi no centro de tratamento é o sou por hoje.* Júlia, 18, SCEP).

A experiência de ter uma medida de promoção e proteção (2 fontes/2 referências) aplicada foi descrito pelos participantes como positivo no sentido de darem mais valor às amizades, assim como à vida e à juventude (*Eu vi as pessoas que tinha, as boas claro! Que são poucas, mas vi. Vi que não as podia perder, porque isto podia trazer-me consequências piores, vi que não as podia perder e que ainda sou jovem e que tenho uma vida pela frente e não posso me deitar agora abaixo, por os problemas que a vida trouxe.* Xavier, 16, YJT). Essas medidas também deram a oportunidade dos jovens corrigirem o que estava errado na forma como se comportam (*É a escola, os meus comportamentos que tenho que mudar. E agora o meu objetivo é muda-los pra voltar o mais rápido possível pra casa.* Hélder, 16, YJT).

No grupo *Género*, a consciencialização para a desigualdade de género (6 fontes/7 referencias) foi considerada o principal fator de mudança pelos participantes (*... eu fui para o secundário, não é, e me apercebi mais das desigualdades, tive mais consciências das coisas.* Micaela, 20).

A descoberta da orientação sexual (5 fontes/ 9 referências) foi referida como momento de mudança para que se tornassem jovens ativistas em questões de género (*... acho que isto foi todas essas questões [ser gay, identificar-se como pansexual, sentir que tinha de corresponder a uma imagem corporal] que me trouxeram ao feminismo.* Carmo, 29).

Outra mudança indicada pelos jovens foi o envolvimento em organizações de ativismo de género (4 fontes/4 referências) (*E então comecei a fazer isso [Dj set em eventos feministas] porque também era algo que eu já fazia no meu tempo livre e fazia mix stage para os meus amigos e play list sempre fiz.* Carmo, 29) assim como a entrada na faculdade (3 fontes/ 5 referências). Com a entrada na faculdade houve um contacto com pessoas novas e a idade em que se encontram corresponde a uma fase mais madura (*Mas se calhar foi o entrar na*

faculdade, nessa altura, também se conhece muita gente diferente, pessoas diferentes. Rosário, 24).

Tomar a iniciativa na organização de uma marcha (2 fontes/2 referências) (*É e foi a partir daí que eu comecei a ficar, e comecei-me a identificar com estas, com esta causa digamos assim [na sequência da organização da marcha]. Norberto, 29*) e iniciar a leitura de livros sobre ativismo de género ou de autores ativistas de género (2 fontes/3 referências) (*... foram várias questões. Eu comecei a ler esse livro, quando acabei de ler esse livro, eu vi tudo de errado que eu fazia. Luciano, 29*) teve também impacto na toma de decisão para que os jovens se interessassem pelo tema e ficassem mais sensibilizados para este

Mais uma vez, e tal como no grupo anterior, o grupo de pares desempenha um papel importante na vida dos jovens e por esse motivo, estes participantes (2 fontes/2 referências) referiram que ter amigos ativistas de género e que alertavam para a desigualdade de género foi também um incentivo a que estes se tornassem também ativistas (*... foi uma que uma colega, lá está psicologia que começou não digo já em igualdade de género, mas também em aspetos ligados à aos estereótipos do género “esta pessoa é o gay e a lésbica e não sei quê Florbela, 22).*

Passar pela experiência de violência ou discriminação (2 fontes/ 3 referências) teve um impacto negativo e consequentemente funcionou como fator de mudança (*Foi a principal motivação [acerca do assédio sexual ser o gatilho para se tornar ativista]. Marília, 17)*

Por último, o contacto com desigualdades de género e violência nos media (2 fontes/ 4 referências) foi referido também pelos participantes como Uma jovem refere que os media passam uma ideia errada sobre a igualdade de género (*Elas falaram dos filmes do Tarantino, dizem que a mulher está sempre numa posição submissa em relação ao homem e como isso era errado e partir dessa conversa, eu pensei isto é mesmo verdade, porque é que há esta educação, porque é que a partir do momento em que há esta educação, uma coisa tão diária e tão básica que são os filmes nós podemos efetivamente mudar, ter essa perspetiva que é errada, que devia ser diferente, ou seja, foi a partir também daí que comecei a abrir também a consciência, despertar também mais a consciência para esses aspetos. Florbela, 22).* A experiência de assédio sexual foi também mencionada como fator que despoletou que a jovem se tornasse ativista para a igualdade de género (*Foi a principal motivação [acerca do assédio sexual ser o gatilho para se tornar ativista]. Marília, 17).*

5. Discussão dos resultados

A análise dos dados permitiu conhecer melhor a experiência de ser jovem, nomeadamente a relação que pode existir entre estigma e participação social juvenil. Tornou-se, ainda, evidente que os contextos familiar, escolar e do grupo de pares assumem uma especial relevância nesta experiência.

Ainda que os grupos incluídos neste estudo sejam distintos, ambos estão em conflito com a sociedade, bem como os jovens que deles fazem parte sentem ser alvo de estigmatização. No grupo Risco os jovens partilharam a sua experiência de estigma por causa do seu comportamento e opções (e.g., comportamentos desviantes ou abandono escolar), e no grupo Género devido ao seu não conformismo com as normas sociais (e.g., desigualdade de género ou expectativas quanto à identidade de género e/ou orientação sexual).

Relativamente ao estigma pode verificar-se que o estigma é representado como algo negativo, e que deve ser evitado. Este resultado vai ao encontro da literatura que indica que o estigma é uma marca diferencial de valor pejorativo, que inferioriza, sendo estabelecida a partir de critérios impostos arbitrariamente nas relações sociais do quotidiano, sempre associado a algo negativo e que deve ser evitado (Goffman, 1988). Essa experiência de estigma afeta o bem-estar psicológico das pessoas assim como a saúde (Beals, Peplau, & Gable, 2009; Quinn & Chaudoir, 2009). É ainda possível perceber que alguns jovens utilizam a experiência de estigma como um motivo e/ou como um intensificador de mudança, nomeadamente no caso dos jovens do grupo Género. Neste grupo, alguns jovens reportam terem-se tornado ativistas devido a experiências de estigmatização pelas quais passaram.

Ainda que no grupo Género a experiência de estigmatização tenha tido consequências positivas e negativas, no grupo Risco foram apenas reportadas experiências negativas aliadas a consequências negativas. Nos dois estudos de caso a auto-estigmatização foi abordada, indicando que estes jovens não só sentem estigma por parte de outros, como eles próprios acabam por se auto estigmatizar como consequência de ideias e expectativas dos que lhes são próximos e da sociedade em geral.

Uma outra perceção partilhada pelos participantes dos dois grupos é a de que, globalmente, os jovens são vistos de forma negativa. Os discursos dos participantes enfatizam a ideia de que, independentemente de outras características que possam conduzir a estigma, os jovens tendem a ser vistos como marginais pelo simples facto de serem jovens, sendo associados sempre a comportamentos desviantes, problemáticos, conflituosos e de rebeldia. Ou seja, de acordo com

participantes dos dois grupos, os jovens tendem de uma forma geral a ser discriminados pela sociedade.

Ao longo da análise de resultados foi possível compreender que existem determinados contextos que se assumem como significativos na vida dos participantes dos dois grupos, mais especificamente o familiar, o escolar e o grupo de pares. Apesar de a família ser apontada pela literatura (Hanson, 2002) tendencialmente como um fator de proteção no que diz respeito a evitar os comportamentos desviantes (pelo estabelecimento de laços afetivos entre os seus membros, monitoramento das atividades e amizades do jovem e pela construção de conduta social adequada), neste estudo os jovens referiram a este contexto como um local onde existem conflitos, devendo-se este aos seus comportamentos ou ideais com os quais as famílias não parecem concordar. Além desta referência ao conflito no seio familiar, alguns jovens admitiram que os seus comportamentos desviantes começaram como consequência de conflitos com a família. Neste sentido, a família parece apresentar-se como motivadora dos comportamentos desajustados e/ou como contribuindo para a manutenção dos mesmos. Por seu lado, no caso dos jovens do grupo Género, a família surge por vezes como desmotivadora do ativismo e como contributo para a experiência de hétero e auto estigmatização.

No que diz respeito ao contexto escolar, parte integrante da vida dos jovens, este foi igualmente referido nos dois grupos como contexto de conflito. A literatura indica (cf. Morgado & Oliveira, 2009) que a escola é um local propício à emergência do conflito, devendo-se tal às suas especificidades de natureza organizativa, às por vezes conflituosas relações com os professores e colegas assim como a inevitável conflituosidade com a sociedade.

Enquanto no grupo Risco a escola regular mostra-se como um contexto onde os jovens sentem estigma por causa dos seus comportamentos, experienciando incompreensão e ausência de apoio por parte dos agentes educativos, os jovens do grupo Género referem que a escola não está preparada para a igualdade de género nem para a aceitação de diferentes identidades de género e/ou identidades sexuais, considerando assim que este é um contexto de ausência de suporte nestas questões. Paralelamente, à escola, também foram associados fatores positivos, como por exemplo a facilitação da ocorrência de um processo de mudança. Alguns jovens ativistas referem que se tornaram conscientes da desigualdade de género e, consequentemente, ativistas, com a entrada na faculdade e com o estabelecimento de contacto com alguns professores que defendiam a mesma causa. Já alguns participantes do grupo Risco referem que a entrada no projeto educativo de segunda oportunidade trouxe mudanças positivas uma vez que estes se sentem aí mais apoiados e referem ter uma melhor relação com os professores, quando comparando a sua experiência no ensino regular.

Por último, o grupo de pares representa também um importante papel para os jovens, tanto no que diz respeito a tomadas de decisão que os jovens vêm como menos corretas como a tomadas de decisão que vêm como mais corretas e ativas a nível social, provando que a influência destes é relevante na vida dos jovens. Tal como é descrito na literatura (Morgado & Oliveira, 2009), a influência dos pares é frequentemente utilizada para justificar os comportamentos desviantes dos jovens, assim como aconteceu neste estudo no grupo Risco. Estes participantes correspondem também ao que é escrito na literatura (Emler, 1984) que muitos jovens tentam alcançar uma “reputação desviante”, uma vez que este é o tipo de reputação aprovada e suportada pelo grupo de pares, o que fará com que os jovens sejam mais facilmente aceites no grupo e se integrem no seu meio. Apesar de o grupo *Género* não associar o grupo de pares aos mesmos motivos, estes também recorrem a estes uma vez que, segundo a literatura (Palmonari, Kirchler & Pombeni, 1991) os jovens que têm mais dificuldades em aceitar a falta de apoio da família ou tem constantes conflitos com os seus familiares, procuram compensar essa falta de apoio com uma forte ligação com o grupo de pares. Há ainda autores (Gouveia, 2004) que defendem que os jovens em geral colocam uma enorme importância no grupo de pares uma vez que encontram neles um espaço privilegiado de identificação com os seus pares, com os quais podem falar sobre os mesmos problemas, angústias, incertezas e sentimentos sem o controlo dos adultos.

6. Conclusões

Este estudo permitiu compreender que existe estigma associado aos jovens em geral e, especificamente, a grupos de jovens «em conflito». Contribuiu também para um melhor entendimento de que, de acordo com os jovens, diferentes acontecimentos de vida podem ser catalisadores de mudança, quer positiva quer negativa, nas suas trajetórias. Os resultados deste estudo são, assim, relevantes para a compreensão dos jovens em geral, nomeadamente quanto à forma como consideram ser percecionados pela sociedade, como experienciam estigma e como fazem percursos desde o estigma até participação social.

Uma das forças deste estudo reside no facto de os seus resultados assentarem na perspetiva de dois grupos de jovens cujos conflitos com a sociedade são bastante diferentes. Por um lado, jovens com percursos de abandono escolar e comportamento desviante, oriundos na sua maioria de meios desfavorecidos e de difícil acesso à educação e a outras oportunidades; por outro lado, jovens ativistas, em conflito com normas e valores dominantes contra os quais lutam através de meios normativos mas que por vezes são vistos como desviantes. Podemos apontar como

limitação o facto de a recolha de dados em cada um dos grupos ter focado as suas especificidades, o que terá dificultado uma maior riqueza na identificação de aspetos comuns relativos à juventude. Como propostas para projetos futuros seria interessante dar voz a outros grupos de jovens em conflito, permitindo complementar e aprofundar os resultados deste estudo.

7. Referências bibliográficas

- Agostinho, L. (2006/2007). Problemas sociais contemporâneos 2595
- Aires, L. (2011). Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional.
- Allen, N. B., & Sheeber, L.B. (2009). Adolescent emotional development and the emergency of depressive disorders. *Cambridge, England: Cambridge University Press*. Doi: 10.1017/9780511551963
- Alves, N., Cantante, F., Batista, I., & Carmo, R. (2011). Jovens em Transições Precárias: Trabalho, quotidiano e futuro. *Lisboa: Mundos Sociais*.
- Arnett, J. J. (2004). Emergency adulthood: The widening road from the late teens through the twenties. *New York, NY: Oxford University Press*.
- Assis, S. G., Pesce, R. P., Avanci, J. Q., & Njaine, K. (2005). *Encarando os desafios da vida: uma conversa com adolescentes*. Armazem das Letras.
- Associação para o planeamento de família (2017). *Igualdade de género*. Consultado em: <http://www.apf.pt/violencia-sexual-e-de-genero/igualdade-de-genero>
- Beals, K.P., Peplau, L.A., & Gable, S. L. (2009). Stigma management and well-being: The role of perceived social support, emotional processing, and suppression. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35(7), 867-879
- Carrano, P. (2007). Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. *Revista de Educação de Jovens e Adultos*, 1,55-67
- Carvalho, M., & Serrão, J. (2008). Delinquência juvenil, justiça e media: Representações dos jovens dos centros educativos sobre a acção da comunicação social. *Direito, crime e dependência. Organizado por universidade nova de Lisboa faculdade de ciências sociais e humanas*
- Casaca, F. (2009). A influência da família, do grupo de pares e da escola nos comportamentos desviantes (Doctoral dissertation).

Cunningham, M., & Rious, J. B. (2015). Listening to the voices of young people: Implications for working in diverse communities. *American Journal of Orthopsychiatry*, 85(6S), S86.

Dale, S. (2010). Mind Matters: Infertility Stigma and Shame.

Dale, R. (2010). The dark side of the whiteboard: education, poverty, inequalities and social exclusion. NESE.

da Silva, M. S., Scarparo, H. B. K., & Strey, M. N. (2013). Por que não somos todas feministas? *Diálogo*, (22), 107-116.

Emler, N. (1984). Differential involvement in delinquency: toward an interpretation in terms of reputation management. In B. Maher & W. Maher (Eds.), *Progress in Experimental Personality Research* (vol.13, pp. 172-239). London: Academic Press.

Estevão, P., & Álvares, M. (2013). A medição e intervenção do abandono escolar precoce: Desafios na investigação de um objeto esquivo. *Cies e- working Paper* (157)

Eurostat (2017). Desemprego em Portugal. Consultado em: http://ec.europa.eu/eurostat/search?p_auth=6gpgTrLU&p_p_id=estatsearchportlet_WAR_estatsearchportlet&p_p_lifecycle=1&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_estatsearchportlet_WAR_estatsearchportlet_action=search&text=desemprego+

Ferreira, F. I. (2011). Estudos etnográficos: Exemplos e potencialidades no campo da animação sociocultural. *Metodologias De Investigação Em Animação Sociocultural*, , 53-81.

Fontana, A., & Frey, J. (1994). The art of science. The handbook of qualitative research, 361376.

Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS). (2016). Milhares de estatísticas sobre municípios, Portugal e a Europa. Consultado em <http://www.pordata.pt/>.

Gibbons, J. L., & Poelker, K. E. (2017). At-Risk Latin American Youth: Challenges to Change. *Psicología* (02549247), 35(2).

Goffman, E. (2008). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro (4ª Ed).

Gonçalves, H. S., Borsoi, T. d. S., Santiago, M. A., Lino, M. V., Lima, I. N., & Federico, R. G. (2008). Problemas da juventude e seus enfrentamentos: Um estudo de representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 20(2), 217-225

Guerra, P. (2010). A Lei Tutelar Educativa—para onde vais. *Revista vulgar*, nº11, 100-108.

Hammond, C., Linton, D., Smink, J., & Drew, S. (2007). Dropout Risk Factors and Exemplary Programs: A Technical Report. *National Dropout Prevention Center/Network (NDPC/N)*.

Hanson, G. R. (2002). New vistas in drug abuse prevention. *Nida Notes*, 16(6), 3-7.

Jackson, L. A., Fleury, R. E., & Lewandowski, D. A. (1996). Feminism: Definitions, support, and correlates of support among female and male college students. *Sex Roles*, 34, 687–693. <http://dx.doi.org/10.1007/BF01551502>

Lamb, S., & Markussen, E. (2011). School dropout and completion: An international perspective. In *School Dropout and Completion* (pp. 1-18). Springer, Dordrecht.

Mathur, P., & Helmata (2017). Study of youth problems as related with personality type. *Indian Journal of Health & Wellbeing*, 8 (6).

Mattos, C. L. G. D. (2001). A abordagem etnográfica na investigação científica. Rio de Janeiro: UERJ, 4-18.

Morgado, C., & Oliveira, I. (2009). Mediação em contexto escolar: transformar o conflito em oportunidade. *EXEDRA: Revista Científica*, (1), 43-56.

Moriarty, T. (1974). Role of stigma in the experience of deviance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 29(6), 849.

Mozzato, A. R., Grzybovski, D., & Teixeira, A. N. (2016). Análises Qualitativas nos estudos organizacionais: as vantagens no uso do software Nvivo. *Revista Alcance* (online), 23(4), 578-587.

Naiff, L. A., & Naiff, D. G. M. (2009). Educação de jovens e adultos em uma análise psicossocial: Representações e práticas sociais. *Revista Psicologia & Sociedade*, 20(3)

Palmonari, A.; Kirchler, E. & Pombeni, M. (1991). Differential effects of identification with family and peers on coping with developmental tasks in adolescence. *European Journal of Social Psychology*, 21, 381 – 402.

Quinn, D.M., & Chaudois, S.R. (2009). Living with a concealable stigmatized identity: The impact of anticipated stigma, centrality, salience, and cultural stigma on psychological distress and health. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97(4), 634-651.

Smith, J. A. (2011). Evaluating the contribution of interpretative phenomenological analysis. *Health psychology review*, 5(1), 9-27.

Simões, M., Fonseca, A. , M., Dias & Lopes,M. (2008). Abandono escolar precoce: Dados de uma investigação empírica1. *Revista portuguesa de pedagogia*,(42), 135-151

Stiles, B. L., & Kaplan, H. B. (1996). Stigma, deviance, and negative social sanctions. *Social Science Quarterly*, 685-696.

Taborda-Simões, M., Fonseca, A., & Lopes, M. (2011). Abandono escolar precoce e comportamento anti-social na adolescência: dados de um estudo empírico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, (45-2), 187-198.

Traag, T., & Van der Velden, R. (2011). Early school-leaving in the Netherlands: the role of family resources, school composition and background characteristics in early school- leaving in lower secondary education. *Irish Educational Studies*, 30(1), 45-62. doi: 10.1080/03323315.2011.535975

Anexos

Anexo I- Guião da entrevista *Risco*

Questões gerais tanto no grupo do *Risco* como no grupo do *Género*:

1. Quais são os locais, agentes e formas de conflito identificados pelos/as jovens?
2. Que experiências de estigmatização identificam os/as jovens e que consequências e constrangimentos geraram?
3. Que formas (individuais ou coletivas) assumem as respostas que os/as jovens dão aos conflitos que enfrentam? E que significado atribuem a essas respostas?
4. Que potencial de mudança e de inovação social é reconhecida a estas respostas?
5. Qual o papel da relações intergeracionais na causa e na superação dos conflitos vividos pelos/as jovens, bem como na promoção da mudança e da inovação social?
6. De que forma as respostas dos/as jovens para superar os conflitos e orientar a mudança social podem ser transferidas para outros/as jovens em situação idêntica?

Temas	Exemplos de questões
Representações sobre os grandes temas do projeto: “juventude” e “conflito”	<ul style="list-style-type: none">• Como é ser jovem atualmente no (nome da cidade)? E em Portugal? Porquê?• Quais são as melhores coisas de se ser jovem atualmente? E as menos boas? Podes dar-me exemplos?• Como é que achas que as outras pessoas veem os jovens?• Sentes que existem grupos de jovens que passam mais por dificuldades neste momento? Quais? E porque é que achas que isso acontece com esses jovens?

-
- Achas que atualmente os jovens têm conflitos com alguém ou alguma coisa?
 - Achas que é igualmente fácil/difícil para rapazes e raparigas? Porquê? Em que situações concretas? Podes dar exemplos?
 - Achas que os jovens de hoje têm mais ou menos dificuldades que os jovens do passado?
 - Achas que as outras pessoas (vizinhança, gerações mais velhas, autoridades) compreendem os problemas dos jovens?

Identificação e caracterização de áreas de conflito do/a jovem, com enfoque no abandono escolar precoce

- E no teu caso, estes problemas de que falaste também estão presentes? Alguma vez os viveste? Podes contar-se uma situação que tenha acontecido contigo?
 - Quais foram os maiores problemas/preocupações que já tiveste na vida?
 - Achas que estes problemas que tens vivido têm a ver com seres rapaz/ rapariga?
 - Sentes que estás ou que estiveste em conflito com alguém ou alguma coisa?
 - Sair da escola foi um destes problemas? (questionar apenas se este tema não tiver sido referido pelo/a jovem)
 - Quando é que isso aconteceu?
 - Porque é que saíste da escola? Que razões é que estiveram na origem dessa saída?
 - E que pessoas estiveram envolvidas? (pessoas que causaram dificuldade vs pessoas que ajudaram)
 - Qual o impacto que achas que sair da escola teve na tua vida? (positivo ou negativo)
 - Isso mudou a forma como te vias? De que forma?
-

	<ul style="list-style-type: none"> • E alguma vez sentiste que as outras pessoas te olhavam de lado ou te trataram como se fosses diferente por teres saído da escola? E por outras razões? • O que tens feito para tentar ultrapassar os teus problemas? O quê/ quem te tem ajudado? (focar, em particular, nas respostas à saída precoce da escola) • Estares aqui no (nome do projeto) é uma maneira de dares respostas aos teus problemas? Porquê? (perguntar apenas do caso do (nome do projeto) não ser referido na resposta anterior)
Explorar o envolvimento do/a jovem no (nome do projeto) (para além das perguntas descritas existiam perguntas mais gerais relativas ao projeto, no entanto apenas coloquei aqui as que se tornam pertinentes para o meu estudo)	<ul style="list-style-type: none"> • É diferente de outras escolas? Em quê? • Teres vindo para aqui trouxe mudanças para a tua vida? Podes dar-me exemplos? (explorar oportunidades e limitações) • Alguma vez sentiste que as outras pessoas te olhavam de lado ou tratavam de forma diferente por causa de estares aqui? • Achas que o (nome do projeto) traz coisas positivas aos jovens? E negativas
Explorar respostas gerais da juventude a situações de conflito e o seu papel na sociedade	<ul style="list-style-type: none"> • Esta é a tua resposta aos problemas que enfrentas. E os outros jovens? O que achas que os jovens fazem para ultrapassar os problemas que enfrentam? • Achas que a forma como resolveste/ estás a resolver os teus problemas deveria ser seguida como exemplo por outros jovens? • Achas que os jovens têm um papel importante na sociedade? Como? • Poderiam ter contributo para melhorar a sociedade? De que forma? • Achas que os mais velhos têm a mesma opinião? E achas que ajudam a tornar isso possível?

Anexo II- Guião da entrevista *Género*

Temas	Exemplos de questões
Representações dos/as jovens sobre os grandes temas dos projeto (“juventude”, “conflito”, “participação”)	<p data-bbox="1133 416 2051 563">Explorar representações gerais sobre os jovens; (problemas/ dificuldades e oportunidades) áreas de problemas/ dificuldades e oportunidades com base em conflitos e estigma e papel de “outros”.</p> <ul data-bbox="1211 587 2051 1018" style="list-style-type: none"><li data-bbox="1211 587 2051 678">• Como é ser jovem atualmente no (no da cidade)? E em Portugal? Porquê?<li data-bbox="1211 699 2051 790">• Quais são as melhores coisas de ser jovem atualmente? E as menos boas? Pode dar-me exemplos?<li data-bbox="1211 810 2051 850">• Como é que acha que os outros veem os/as jovens?<li data-bbox="1211 871 2051 1018">• Acha que as outras pessoas (pessoas em geral, gerações mais velhas, autoridades) compreendem os problemas/ dificuldades dos jovens? <p data-bbox="1133 1094 2051 1185">Explorar a variabilidade das representações sobre a juventude em função do género e da geração</p> <ul data-bbox="1211 1206 2051 1356" style="list-style-type: none"><li data-bbox="1211 1206 2051 1356">• Sente que existem grupos de jovens que passam por mais problema/ dificuldades neste momento? Quais? E porque é que acha que isso acontece com esses/ essas jovens?

-
- Em Portugal, em que tipo de situações é que a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres é mais evidente? Porque é que acha que isso acontece?
 - Em relação a estas desigualdades de oportunidades, como é que acha que estas têm evoluído ao longo do tempo?

Identificação e caracterização de áreas de conflito do/a entrevistado/a Explorar áreas de problemas/ dificuldades do/a entrevistado/a; possível estigma associado e papel de “outros”

- No seu caso, alguma vez sentiu estas desigualdades de oportunidades, quando comparado/a com homens/mulheres?
- Quais as situações mais evidentes, deste tipo de desigualdade, que já vivenciou?
- Pode contar-me uma situação específica?
- Qual o impacto que essas situações tiveram na sua vida? (negativo ou positivo)
- E, atualmente, continua a sentir esta desigualdade de oportunidades?
- Como é que se sente em relação à (des)igualdade de oportunidades que tem, quando comparadas com as gerações anteriores/ dos homens ou das mulheres mais velhas/os?

Explorar o estigma associado aos problemas/ dificuldades identificadas

-
- O facto de não se conformar com as desigualdades de género influenciou a forma como se vê? Se sim, de que forma?
 - Alguma vez o/a trataram como se fosse diferente? Pode explicar melhor? Alguma vez sentiu que as outras pessoas o/a olhavam de lado por ser ativista nas questões de género?

Explorar a resposta específica na organização/ ativismo

Explorar a vivência decorrente de estar integrado(a) neste tipo de organizações/ ativismo e o seu impacto na vida do/a entrevistado/a, bem como explorar os aspetos decorrentes de respostas em si.

- Como se sente em relação a ser um/a ativista nas questões de género?
 - Mais especificamente, o que tem feito? Quais tem sido as suas contribuições para esta causa?
 - Sente que é ouvido/a em relação às desigualdades de oportunidades entre homens e mulheres? Se sim, por quem?
 - A quem mais gostava que este tipo de reivindicações chegassem?
 - Alguma coisa mudou na vida depois de se tornar ativista nas questões de género? Se sim, o que? Porque acha que isso aconteceu?
-

	<p>Explorar ideias sobre as percepções de outras pessoas acerca da resposta do/a entrevistado/a (ser ativista).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acha que as outras pessoas compreendem o que faz/reconhecem a importância do seu papel na sociedade? • Como é que os seus familiares e amigos reagem ao facto de ser um/uma ativista nas questões de género? Gostava que reagissem de forma diferente?
Explorar respostas gerais da juventude a situações de conflito	<ul style="list-style-type: none"> • Até agora falamos da forma como intervém na sociedade. E os outros jovens? O que é que acha que fazem para ultrapassar os problemas/dificuldades que têm? E para intervir na sociedade? Há muitos/as jovens envolvidos/as neste tipo de iniciativa (ou noutros)? • Acha que os mais velhos tem a mesma opinião? • Acha que os mais velhos valorizam este tipo de participação ativa na sociedade? Porquê?

Anexo III- Tabela de caracterização dos participantes do grupo *Risco*

Research setting	Pseudonym	Age	Gender	Education	Employment	Residential status	Family status
SCEP	Rita	20	Female	In lower secondary	In fulltime education	Home with parents	Single, no children
SCEP	Raquel	19	Female	Complete lower secondary	NEET	Home with parents	Single, no children
SCEP	Marco	24	Male	In lower secondary	In fulltime education	Home with parents	Single, no children
SCEP	Paulo	22	Male	In lower secondary	In fulltime education	Home with father	Single, no children
SCEP	Nelson	18	Male	In lower secondary	In fulltime education	Home with mother	Single, no children
SCEP	Lourenço	24	Male	In lower secondary	In fulltime education / part-time employed	Alone	Single, no children
SCEP	Roberta	18	Female	In lower secondary	In fulltime education	Residential care	Single, no children

SCEP	Edgar	21	Male	In lower secondary	In fulltime education	Home with mother	Single, no children
SCEP	Elsa	20	Female	In upper secondary	In fulltime education	Home with mother	Single, 1 child
SCEP	José	19	Male	In lower secondary	In fulltime education	Home with parents	Single, no children
SCEP	Júlia	18	Female	In lower secondary	In fulltime education	Home with mother	Single, no children
SCEP	Manuel	18	Male	In lower secondary	In fulltime education	Home with parents	Single, no children
SCEP	Miguel	20	Male	In lower secondary	In fulltime education	Home with parents	Single, no children
SCEP	Sérgio	18	Male	In lower secondary	In fulltime education / part-time employed	Home with parents	Single, no children
SCEP	Santiago	24	Male	In lower secondary	In fulltime education	Home with mother	Single, no children
SCEP	Telma	19	Female	In lower secondary	In fulltime education	Home with mother	Single, no children
SCEP	Hugo	19	Male	In lower secondary	In fulltime education	Home with mother	Single, no children

SCEP	Andreia	18	Female	In lower secondary	In fulltime education	Home with parents	Single, no children
SCEP	Martim	20	Male	In lower secondary	In fulltime education	Home with mother	Single, no children
SCEP	Óscar	18	Male	Complete lower secondary	NEET	Home with parents	Single, no children
YJT	Francisco	17	Male	In upper secondary	In fulltime education	Home with grandparents	Single, 1 child
YJT	Hélder	16	Male	In lower secondary	In fulltime education	Residential care	Single, no children
YJT	Helena	16	Female	In lower secondary	In fulltime education	Residential care	Single, no children
YJT	Luísa	15	Female	In upper secondary	In fulltime education	Home with mother	Single, no children
YJT	Sílvio	16	Male	In upper secondary	In fulltime education	Home with parents	Single, no children
YJT	Xavier	16	Male	In lower secondary	In fulltime education	Home with mother	Single, no children

Anexo IV- Tabela de caracterização dos participantes do grupo *Género*

	Pseudonym	Age	Gender	Education	Employment Status	Residential Status	Family Status	Participant's type of involvement in activism at the time of selection to participate
1	Agostinho	27	Male	Bachelor	In full-time education	Lives with friends	Single, no children	Sympathiser Occasional participant
2	Carmo	29	Female	Bachelor	In full-time employment	Lives with friends	Single, no children	Editor of a zine
3	Cristiana	22	Female	Bachelor	In full-time education	Lives with parents and one brother	Single, no children	Sympathiser Occasional participant
4	Elisabete	19	Female	Upper-higher education	In full-time education	Lives with grandparents and one aunt	Single, no children	Member of an organization
5	Florbela	22	Female	Bachelor	In full-time education	Lives with parents	Single, no children	Sympathiser Occasional participant
6	Francisca	25	Female	Master	In full-time employment/in part-time education	Lives with parents	Single, no children	Member of the direction board of an organisation Responsible for a branch of one organisation

7	Gabriela	23	Female	Bachelor	In part-time employment/in part-time education	Lives with mother and one brother	Single, no children	Sympathiser Occasional participant
8	Guilhermina	23	Female	Bachelor	In part-time education	Lives with mother and one brother	Single, no children	Member of an organisation
9	Lucas	31	Male	Bachelor	In full-time employment	Lives with boyfriend	Single, no children	Member of the direction board of an organisation
10	Luciano	29	Male	Bachelor	In full-time employment	Lives with a friend	Single, no children	Member of the direction board of an organisation
11	Manuela	31	Female	Professional course	In full-time employment	Lives alone	Single, no children	Founder of an association
12	Marília	17	Female	Lower-higher education	In full-time education	Lives with parents	Single, no children	Member of an organisation
13	Marlene	25	Female	PhD	In full-time employment	Lives with boyfriend	Single, no children	Sympathiser Occasional participant
14	Micaela	20	Female	Upper-higher education	In full-time education	Lives with parents and one brother	Single, no children	Sympathiser Occasional participant

15	Norberto	29	Male	Master	In full-time employment	Lives with parents	Single, no children	Responsible for a branch of the organisation
16	Renato	29	Male	Master	In part-time employment	Lives with friends	Single, no children	Former member of the direction board of an organisation
17	Rosário	24	Female	Bachelor	In full-time employment	Lives with girlfriend and mother	Single, no children	Sympathiser Occasional participant
18	Rute	30	Female	Bachelor	In full-time employment	Lives with girlfriend	Single, no children	Editor of a zine Owns a feminist clothing brand
19	Susana	32	Female	Bachelor	In full-time employment	Lives with boyfriend	Single, no children	Member of an organisation
20	Teresa	22	Female	Upper-higher education	In full-time education	Lives with parents	Single, no children	Member of the direction board of an organisation

Anexo V- Descrição Sistema de categorias do grupo *Risco*

Contextos de conflito (2ª ordem) (26 fontes/364 referências)

Identificação de locais, agentes, e formas de conflitos passados ou presentes, do próprio ou dos jovens em geral

Categorias 1º Ordem	Fontes	Referências	Exemplos
Escola / contexto escolar	20	70	<i>Ei, eu tive problemas na escola desde o quarto, desde o terceiro de escola- Nelson, 18, SCEP</i>
Agentes de conflito/ grupos de pares	20	63	<i>Se não estivermos com os amigos certos, vamos-mos meter em coisas que são escusadas.- Francisco, 17, YJT</i>
Conflitos relacionados com o género	16	33	<i>Uma mulher não, tem mais... em certos trabalhos não é aceite.- Telma, 19, SCEP</i>
Medidas de proteção/ Justiça	15	53	<i>Eu tive 4 julgamentos. Um deles foi aos inícios, a minha namorada ainda não estava grávida. E depois eu continuei a fazer as asneiras. - Francisco, 17, YJT</i>
Família/ contexto familiar	13	53	<i>Não sei, acho que piores problemas que se pode ter é problemas em casa, eu acho.- Luísa, 15, YJT</i>
Vizinhança	8	16	<i>Sair da vida de bairro e tornar a ser uma pessoa normal, os problemas do bairro vêm todos atrás.- Lourenço, 24, SCEP</i>
Relações íntimas	7	18	<i>Tive um relacionamento que também correu muito mal, trouxe-me vários problemas...- Xavier, 16, YJT</i>

Razões para entrar em conflito	6	17	<i>Sim, se calhar também a história de vida. Não ajuda a que eles sejam mais... tenham mais problemas.- Elsa, 20, SCEP</i>
Conflitos relacionados com as baixas condições socioeconómicas/pobreza	5	7	<i>Andreia: Sim também isso também é das dificuldades que eles passam em casa percebe? Porque eles têm que se fazer à vida fazer à vida se é que me está a perceber num é? Uns começam a traficar outros começam a roubar. Andreia, 18, SCEP</i>
Outros conflitos relacionados com a identidade	3	7	<i>Ahh, talvez os jovens de de etnia cigana. Tem mais dificuldades do que outras pessoas.- Andreia, 18, SCEP</i>
Opções relativamente aos conflitos	3	6	<i>Sim e não é só das famílias pobres, das famílias que também têm posses também são porque só se metem nessa vida quem... Na realidade só se mete nessa vida quem quer.- Andreia, 18, SCEP</i>

Estigmatização (2ª ordem) (24 fontes/141 referências)

Experiências de estigmatização do próprio ou dos jovens no geral. Inclui também referências outras pessoas ou grupos sociais que sejam vistos pelo respondente como alvos de estigmatização ou discriminação. Fatores que levam à discriminação. Agentes de discriminação. Consequências decorrentes da estigmatização. Inclui ainda referências a discriminação de outros por parte do respondente.

Categorias 1º Ordem	Fontes	Referências	Exemplos
Discriminação devido ao comportamento	14	29	<i>Tínhamos cadastro de escola, reprovações e essas coisas todas, maus comportamentos, faltas disciplinares e isso.- Sérgio, 18, SCEP</i>
Jovens vistos como marginais_ sem futuro	12	26	<i>Hoje em dia acho que vêm como, a maior parte de jovens, acho que vêm como delinquentes ou assim.- Xavier, 16, YJT</i>
Discriminação por residir em habitação social/ bairro	7	16	<i>Oh, é do bairro, é novo, oh, olha para aquilo, fuma umas ganzas ou fuma um tabaco, bebe umas cervejas, já não vai a lado nenhum, é um drogadinho que anda para aí. – Lourenço, 24, SCEP</i>
Não sentir discriminação por causa dos seus comportamentos	7	9	<i>Não, não olham de maneira diferente.- Helena, 16, YJT</i>
Discriminação devido ao absentismo ou abandono escolar	6	9	<i>Sou um desgosto total para eles, pelo simples facto de ter desistido dos estudos.- Lourenço, 24, SCEP</i>

Discriminação por estar numa escola de segunda oportunidade	5	11	<i>Acham que isto não tem futuro, o que não me leva a lado nenhum.- Lourenço, 24, SCEP</i>
Discriminação pela sua aparência física	4	16	<i>Depende, há jovens que são discriminados, por exemplo têm tatuagens ou têm piercings. – Júlia, 18, SCEP</i>
Auto- estigmatização	3	3	<i>Não sei, eu via-me muito...de uma maneira muito má, eu acho. – Luísa, 15, YJT</i>
Discriminação por ser romena ou cigana	2	2	<i>talvez porque muitas pessoas não não os aceitem por causa da etnia deles, da raça, chamada a raça deles. Porque eu tive um amigo meu em que foi pedir trabalho, ele era de etnia cigana, e não lhe deram por ele ser de raça cigana. – Raquel, 19, SCEP</i>

Turning Points (2ª ordem) (22 fontes/ 93 referências)

Referência a momentos que foram significativos para o jovem e se constituíram como momentos de viragem. Estes poderão ser negativos ou positivos. Estes momentos podem ser referidos explicitamente pelo jovem como tendo sido de viragem ou podem ser percebidos de forma clara, pelo investigador, como tendo tido esse impacto na trajetória de vida.

Categorias 1º Ordem	Fontes	Referências	Exemplos
Eventos familiares	10	44	<i>Mas depois quando eu soube que ia ser pai, como eu também cresci sem pai, tocou-me.- Francisco, 17, YJT</i>
Abandono escolar	10	19	<i>Hoje em dia a gente pensa e vê que não devia ter feito isso porque agora já tinha o 9º, já tinha o 12º. Agora estou aqui ainda, no 11º.- Elsa, 20, SCEP</i>
Entrar no projeto	3	9	<i>eu sempre tive o sonho de ser ator e ser teatro e, e ir pa teatro e tudo mais, alguma coisa desse mundo e à pala do, à pala de entrar na escola consegui um curso.- Martim, 20, SCEP</i>
Relações conjugais	3	3	<i>o que é que ia ser de mim, até conhecer a minha mulher, que estou atualmente.- Lourenço, 24, SCEP</i>
Crimes	3	10	<i>Com 15, 14, 15 já tive que pegar numa arma e disparar, havia alguém a me assaltar a casa.- Edgar, 21, SCEP</i>
Institucionalização	2	6	<i>Vi lá coisa que não quero para a minha vida, como eles sabem as pessoas que tão lá comigo, eu não quero isso para a minha vida como é óbvio.- Júlia, 18, SCEP</i>
Medidas de Promoção e Proteção	2	2	<i>É a escola, os meus comportamentos que tenho que mudar. E agora o meu objetivo é muda-los pra voltar o mais rápido possível pra casa.- Hélder, 16, YJT</i>

Anexo VI - Descrição de categorias grupo *Género*

Contextos de conflito (2ª ordem) (14 fontes/ 71 referências)

Inclui informações sobre agentes, instituições, lugares, contextos, experiências, situações e tipos de conflito ou tensão. As informações podem ser do passado ou do presente e sobre o jovem ou os jovens em geral. Conflito pode não estar de acordo com normas específicas ou ser um ativista por uma causa específica.

Categorias 1º Ordem	Fontes	Referências	Exemplos
Discursos públicos sobre desigualdade de género	9	15	<i>acho que não faz sentido a desigualdade por si, por isso acho que não faz sentido, na minha opinião simplesmente não me preocuparmos com esse tema- Elisabete, 19</i>
Críticas ao ativismo	8	23	<i>Ah... se calhar na minha família a divisão das tarefas domésticas, se calhar... para mim isso é uma coisa que é certa e para o meu irmão, ele se calhar pode escolher... ah... a esse nível.- Cristiana, 22</i>
Orientação sexual vista como conflito	5	12	<i>Não. Na altura tinha uma prima que tinha uma relação homossexual. Que foi muito mal recebida pela família e também foi um aviso para mim, que se for tenho que ficar calado.- Lucas, 31</i>
Conflitos com organizações ativistas	2	10	<i>Noto muito isso nas marchas que ainda são um ponto delicado, mesmo dentro da comunidade LGBT, porque há várias pessoas LGBT que são contra as marchas- Lucas, 31</i>

Ausência de conflito por ser ativista	2	5	<i>Por acaso eu tenho um núcleo de amigos e de família assim muito, muito supporting- Guilhermina, 23</i>
---------------------------------------	---	---	---

Estigma (2ª ordem) (20 fontes/ 179 referências)

Auto-experiência de ser estigmatizado ou ter estigmatizado outros. Fatores que levam à estigmatização. Agentes de discriminação. Podem ser incluídas informações sobre ele / ela ou sobre os jovens em geral.

Categorias 1º Ordem	Fontes	Referências	Exemplos
Experiência de estigmatização por ser ativista de gênero, pelo seu gênero e pela sua orientação sexual	16	61	<i>[entre 15 e 20 anos]anos apaixonei-me por uma rapariga e quando disse à minha família não correu muito bem.- Carmo, 29</i>
Discriminação de gênero, cor ou qualquer outro tipo de diferença	11	26	<i>Hoje em dia não existe quase bares desses, todos eles fecham ou são apropriados pelos homens gay's brancos e cis.- Camo, 29</i>
Tornar-se mais ativo no ativismo de gênero como consequência do estigma	10	17	<i>Bem, eu tive uma experiência pessoal que foi realmente determinante no sentido de não, de não deixar isto morrer. –Francisca, 25</i>
Jovens discriminados e vistos de forma negativa	9	20	<i>mas também pensam que é, são uns desnorteados e não pensam, não se preocupam com politica, não se preocupam com nada e não é bem verdade...- Marília, 17</i>
Discriminação devido à nacionalidade e etnia	7	11	<i>Primeiro, porque querendo ou não tem xenofobia nesse país, né?- Agostinho, 27</i>

Pressão social para agir em função daquilo que é esperado de acordo com o género	6	12	<i>Porque depois também queremos corresponder a uma certa expectativa ah... daquilo que é considerado correta fazermos, então se existe se calhar a sociedade pensa que as mulheres devem agir de determinada forma e que isso é a forma correta de agir mais digna, isso vai fazer com que poucas resistam a esse estereótipo ah.- Cristiana, 22</i>
Discriminação no trabalho ou devido ao trabalho	5	8	<i>os meus colegas que, tenho colegas mais conservadores que às vezes gozam... sei que é na brincadeira mas vê-se que é algo que não é assim tão comum...- Gabriela, 23</i>
Auto- estigmatização	4	4	<i>é que nós acabamos também por limitarmo-nos muito na nossa procura de emprego... do género “ah, eu sou mulher” ou então por exemplo, eu até vejo uma oferta de emprego sei lá, de chefia e segurança por exemplo, “ah, mas eu sou mulher, se calhar não me vão escolher”. – Guilhermina, 23</i>
Ausência de estigmatização	4	4	<i>Não existe olhar de lado porque também não olho de lado ninguém, é mais uma troca de ideias.- Cristiana, 22</i>
Reações à saída	3	3	<i>Mas sem duvida o meu envolvimento com o ativismo LGBT com certeza, porque eu tive muito problema em relação ao meu coming out- Luciano, 29</i>
Discriminação na escola	2	3	<i>Por exemplo, numa escola secundária, eu via discriminação de se a turma de ciências quisesse organizar qualquer coisa, mas se fosse a turma de artes ou a turma de humanidades o tratamento era diferente. Elisabete, 19</i>
Experiencia de impacto devido a experiencia de estigmatização	2	2	<i>nível psicológico foi muito duro, desde muito novinha porque eu tinha de fazer o caminho de autocarro para casa, ou seja frequentava muito espaço público</i>

desde muito nova e fui muitas vezes abordada por homens e por rapazes que que foram agressivos seja verbalmente e uma ou outra vez fisicamente e isso mexeu muito comigo. E mexeu.- Gabriela,22

Turning Points (2ª ordem) (18 fontes/ 46 referências)

Informações relacionadas aos momentos que ele identifica como pontos de inflexão ou que o pesquisador identifica como sendo, claramente, um ponto de virada na vida dos participantes. A referência a esses momentos pode ser explícita ou implicitamente mencionada pelo participante. Quando a referência não é explícita, a informação pode ser considerada aqui apenas se o discurso da juventude deixar claro. Esses momentos podem ser positivos ou negativos.

Categorias 1º Ordem	Fontes	Referências	Exemplos
Consciencialização para a desigualdade de género	6	7	<i>eu fui para o secundário, não é, e me apercebi mais das desigualdades, tive mais consciências das coisas. Micaela, 20</i>
Descoberta da orientação sexual	5	9	<i>acho que isto foi todas essas questões [ser gay, identificar-se como pansexual, sentir que tinha de corresponder a uma imagem corporal] que me trouxeram ao feminismo, - Carmo, 29</i>
Envolvimento em organizações de ativismo de género	4	4	<i>E então comecei a fazer isso [Dj set em eventos feministas] porque também era algo que eu já fazia no meu tempo livre e fazia mix stage para os meus amigos e play list sempre fiz- Carmo, 29</i>
Entrada na faculdade/ contactos com a faculdade	3	5	<i>Mas se calhar foi o entrar na faculdade, nessa altura, também se conhece muita gente diferente, pessoas diferentes- Rosário, 24</i>

Tomar a iniciativa de organizar uma marcha	2	2	<i>É e foi a partir daí que eu comecei a ficar, e comecei-me a identificar com estas, com esta causa digamos assim [na sequência da organização da marcha]- Norberto, 29</i>
Ler livros com autores ativistas	2	3	<i>foram várias questões. Eu comecei a ler esse livro, quando acabei de ler esse livro, eu vi tudo de errado que eu fazia.- Luciano, 29</i>
Ter amigos ativistas e que alertavam para a desigualdade de género	2	2	<i>oi uma que uma colega, lá está psicologia que começou não digo já em igualdade de género, mas também em aspetos ligados à aos estereótipos do género “esta pessoa é o gay e a lésbica e não sei quê”- Florbela, 22</i>
Experiência de violência ou discriminação contra o self	2	3	<i>Foi a principal motivação [acerca do assédio sexual ser o gatilho para se tornar ativista].- Marília, 17</i>
Contacto com desigualdades de género e violência nos media	2	4	<i>Elas falaram dos filmes do Tarantino, dizem que a mulher está sempre numa posição submissa em relação ao homem e como isso era errado e partir dessa conversa, eu pensei isto é mesmo verdade, porque é que há esta educação, porque é que a partir do momento em que há esta educação, uma coisa tão diária e tão básica que são os filmes nós podemos efetivamente mudar, ter essa perspetiva que é errada, que devia ser diferente, ou seja, foi a partir também daí que comecei a abrir também a consciência, despertar também mais a consciência para esses aspetos.- Florbela, 22</i>